

DivertidaMente: Dominantes e Dominados e a Violência simbólica¹

Luma Carolina de Carvalho SILVEIRA²

Rodrigo FOLLIS³

Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), Engenheiro Coelho, SP

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo analisar o filme *DivertidaMente* através da teoria de Pierre Bourdieu sobre dominantes e dominados e a violência simbólica causada ao longo do processo sofrido pelo dominado. Busca demonstrar como a ficção pode representar o real de forma bem humorada e lúdica retratando um assunto importante e que por vezes esquecido pelas pessoas. Tal violência sofrida por uma pessoa pode ser feita de forma invisível e sem percepção podendo assim prejudicar os relacionamentos e causar fortes consequências nos possíveis afetos recebidos e direcionados ao longo da vida das pessoas. Esses afetos podem ser representados através de emoções e suas representações.

PALAVRAS-CHAVE: *DivertidaMente*; Dominação; Filme; Poder Simbólico; Filme; Violência Simbólica.

O objetivo deste trabalho é analisar o filme *DivertidaMente* através da teoria de dominantes e dominados, violência simbólica e o poder simbólico de Pierre Bourdieu. E partir de sua teoria entrelaçar com outros filósofos que possuem a mesma teoria e relacionar com estudos sobre as emoções humanas que são apresentadas ao longo do filme e que possuem estudos aprofundados de outros estudiosos.

Para Bourdieu, o mundo se organiza e fixa um consenso a seu respeito, apresenta uma função lógica necessária que acaba por permitir que a cultura dominante em uma determinada formação social cumpra sua função política-ideológica de legitimar um determinado regime dominante (MICELI, 2011, p.13).

Partindo do pressuposto que todo filme não importando seu gênero ou seu tipo fílmico é uma representação do real, e que de forma natural a pessoa envolvida no processo social não

¹ Trabalho apresentado no IJ 06 – Interfaces Comunicacionais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

² Aluna do 4º semestre do curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda do UNASP (Centro Universitário Adventista de São Paulo, *campus* Engenheiro Coelho.) E-mail lumacarolina_carvalho@hotmail.com

³ Doutorando em Ciências da Religião e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). E-mail: rodrigo.follis@unasp.edu.br.

entenderia (AUMONT, 2013), foi escolhido um filme que pudesse ser direcionado a um público específico e que demonstrasse um processo de dominação e algum tipo de violência simbólica e que exemplificasse como tal processo pode prejudicar o modo de ser e agir de alguém. Para isso foram escolhidos filósofos como Pierre Bourdieu e Max Weber que definem e classificam os tipos de dominações e suas causas. Já para o âmbito das emoções foram pesquisados especialistas do campo da emoção humana como; Dámasio e Goleman.

Para Goleman (2012), todos os circuitos emocionais tornam-se mais aptos ou inaptos nos aspectos emocionais, podendo significar assim que infância e adolescência são as janelas de oportunidades que podem definir os hábitos emocionais que vão governar a vida das pessoas. Sendo assim temos a problemática: partindo de Bourdieu e sua teoria sobre dominantes e dominados e violência simbólica, os sentimentos podem dominar o modo de agir de uma criança quando acometida de grandes mudanças?

A DOMINAÇÃO E SUA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

O conceito poder simbólico surgiu com o filósofo Pierre Bourdieu para afirmar que o processo da classe que domina acaba por impor sua cultura aos que são dominados. Para Bourdieu (1989, p. 10), “o poder simbólico, é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. Isso faz com que o lado dominado perca a sua identidade e suas referências tornando-se assim mais fraco, inseguro e sujeito a dominação.

Bourdieu também salienta que o poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem ao sentido imediato do mundo (e, em particular do mundo social), ou seja, dar um sentido ao conformismo lógico do mundo, tornando assim possível uma concordância entre a inteligência dos envolvidos no sistema, sendo afirmado por ele que:

A cultura dominante contribui para integração real de uma classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções [...] a cultura que une também é aquela que separa e que legitima as distinções compelindo todas as culturas a definirem-se pela sua distância da cultura dominante (BOURDIEU, 1989, p. 11).

Podendo ser afirmado assim que a classe dominante está em constante luta pela hierarquização de poder para um capital econômico e para impor sua legitimação de dominação

e servindo a seus próprios interesses causando, com isso, uma violência simbólica. Violência essa que, para Bourdieu e Passeron (1970, p. 19), qualquer “poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força”. Tal dominação pode ser retrata como um tipo de violência simbólica e todo poder que impõe seus significados acrescenta sua força simbólica a essas relações.

Sendo, assim, para Bourdieu e Passeron (1970, p. 20): “A força simbólica” acaba por ser definir “por seu peso na estruturação das relações de força e das relações simbólicas”, quando essas se “instauram entre instâncias exercendo uma ação de violência simbólica”. A resposta lógica a esse processo é que “as relações de força entre os grupos constitutivas da forma social”. Por isso é possível afirmar objetivamente que a medição do efeito de dominação colabora direta ou indiretamente na dominação de classes, podendo definir o valor sobre um mercado econômico ou simbólico e por consequência inibindo as pessoas de mostrarem suas vontades devido a força exercida por tal poder.

Outro fator bem relevante para Bourdieu e Passeron (1970) é que toda ação contém uma violência simbólica, por reproduzir uma cultura dominante, sua ideologia e rompendo um modelo padrão de sociedade e que deve ser seguida, contribuindo assim para uma divisão de classe e uma relação de poder e hierarquização. Mostrando assim que todo modo de ser ou pensar pode ser um tipo de violência simbólica que prejudica o desenvolvimento de alguém em algum momento de sua vida.

Outro filósofo que fala sobre dominantes e dominados e sua legitimidade é Max Weber. Weber (2004) define o termo dominação com a probabilidade de encontrar obediência para ordens específicas (ou todas) dentro de um determinado grupo de pessoas. E ainda salienta, a obediência pode variar de acordo com a legitimidade da dominação por isso não significa que toda espécie dentro de um determinado grupo de pessoas exerce influência sobre outras. Para Weber (2004, p. 139) “a submissão também pode estar condicionada por interesse, vantagens e desvantagens de quem obedece, por costume ou por mero afeto, dependendo da natureza da legitimidade pretendida diferem o tipo de obediência”. Sendo assim, o autor classifica a dominação em três tipos puros e legítimos, sendo elas:

- 1) *As de caráter racional*: baseada na crença na legitimidade das ordens instituídas por direito daqueles que mandam e por esse motivo são eleitos para exercer a dominação (dominação legal);
- 2) *As de caráter tradicional*: baseada na crença cotidiana, na santidade das tradições vigentes e na legitimidade daqueles que por alguma virtude são representação de uma autoridade (dominação tradicional);
- 3) *As de caráter carismático*: baseada na veneração extra cotidiana da santidade, do poder heroico ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta dadas ou criadas (dominação carismática).

Esta classificação serve primeiramente para mostrar quais são os possíveis poderes dominantes de um poder simbólico. Weber apresenta que o poder racional pode criar em suas manifestações de legitimidade a noção de competência, o privilégio do poder tradicional e o carisma em um poder mais próximo e amigável. Assim, temos algo próximo com o que foi afirmado por Bourdieu e Passeron (1970), ao questionarem o quanto o monopólio da legitimidade cultural dominante é sempre o resultado do jogo de uma concorrência entre instâncias ou agentes.

AS EMOÇÕES HUMANAS

Segundo Catarreira (*apud* ANDRÉ; LELORD, 2002, p. 13), podemos definir emoção como “uma reação súbita de todo o nosso organismo, com componentes fisiológicos (o nosso corpo), cognitivos (o nosso espírito) e comportamentais (as nossas ações)”. Já para Damásio (1999, p. 72) elas “são um conjunto de complicações de respostas químicas e neurais que podem formar um padrão; conduzindo de uma forma ou de outra a criação de circunstâncias de vantagem, correspondendo à vida e ajudando o organismo a mantê-la”. Já Catarreira (2015, p.27) nos lembra que, assim, obtemos “um conjunto de reações que unem as pessoas umas às outras. São uma mistura de emoções ou são manifestados através de emoções”. Sendo assim, se por um lado podemos pensar as emoções como algo interno e totalmente biológico, também é possível pensar essas relações a partir do reflexo daquilo que pode ser encontrado do lado de fora do corpo humano (MOREIRA, 2015, p. 27).

O estudo sobre emoções tem se desenvolvido fortemente, sendo possível compreender de forma mais específica o que pode acontecer com o ser humano e o porquê de sua atitude em alguns momentos de sua vida.

Algo importante que deve ser salientado é que para o bom desenvolvimento de um ser humano é preciso saber onde começa suas emoções ou seus afetos. Algo importante estudado por psicanalistas como Freud, é que a relação entre os pais são a principal fonte de geração de afetos e sentimentos para com as crianças.

Bowlby (1990) afirma que: tais afetos são resultantes de uma integração da criança com seu meio ambiente e, em especial, com a figura mais importante desde meio a mãe ou seu cuidador. Por isso é de extrema importância ser identificado qual o motivo que leva a uma pessoa a demonstrar bons afetos ou afetos ruins, para assim tomar consciência e desenvolver uma melhor compreensão do que os outros estão sentindo, pois, o tipo do afeto sofrido pela pessoa pode prejudicar não somente a pessoa, mas também aqueles que estão a sua volta.

Já o filósofo Baruch Spinoza apresenta a teoria dos afetos e paixões humanas, que se define como; o ser humano é resultado dos afetos (encontros) que teve ao longo de sua vida e em sua capacidade de organizar os bons encontros. Esta organização não acontece de forma racional, mas sim estrutural através de seu desejo em uma busca de afirmar-se na existência e não na consciência intelectual. Sendo afirmado por ele em seu Escólio da proposição XXXVII parte IV da Ética:

“Se os homens vivessem sob a direção da Razão, cada um usufruiria deste direito sem danos algum para outrem. Mas, como eles estão sujeitos aos afetos, que ultrapassam de longe a potência, ou seja, a virtude humana, por isso são muitas vezes arrastados em sentidos contrários e são contrários uns aos outros, quando têm necessidade de mútuo auxílio

Goleman (2012, p. 28) cita que: “que cada emoção prepara o corpo para um tipo de resposta diferente”. Para Catarreira (*apud* Moreira, 2015, p. 29) existem dois tipos de emoções; as negativas e as positivas. Sendo as negativas: medo, tristeza e a raiva que causam mal-estar e diminuição da autoestima. Já a positiva: a alegria contribui para a sensação de bem-estar e elevada autoestima.

Goleman (2012) declara que: o medo é o responsável por fazer o sangue correr para os grandes músculos esqueléticos, como as pernas, facilitando assim para a fuga e embranquecer a face devido à perda do fluxo de sangue na corrente sanguínea. Ao mesmo

tempo em que também é o responsável por imobilizar o corpo para fazer pensar se não será melhor se esconder e amenizar a situação. Para o mesmo autor quando se fala em tristeza é possível afirmar que ela é a responsável por dar a sensação de fracasso, diminuição da autoestima e pouca concentração. Contribuindo assim para uma menor disposição e menos socialização. Mas quando se fala em alegria, ela é a responsável por dar a sensação de ter alcançado algo que dava-nos expectativas, melhoria de humor, e aumento de energia, ela também é a responsável por dar a iniciativa para a ação. Goleman ressalta; que ela só poderá ser ativa através de alguns fatores, entre eles a personalidade da pessoa.

Algo importante que deve ser salientado é que não existem somente esses tipos de emoções. Todas as demais presentes no campo das emoções são importantes para um bom desenvolvimento do ser humano. Sem emoções, ficaríamos impossibilitados de fazer as escolhas mais simples do nosso dia a dia, pois o nosso pensamento tem necessidade das emoções para se satisfazer (CATARREIRA 2015, p. 29).

ANIMAÇÃO DIVERTIDAMENTE

O filme é produzido pela Disney Pixar e foi lançado no ano de 2015. Ele começa mostrando a emoção da Alegria da personagem Riley que acaba de nascer, ali ela (alegria) acredita existir somente as duas e acha aquele momento tão importante quanto qualquer outro. É então que surge a primeira memória base da personagem principal.

Pouco tempo depois surge a Tristeza e já começa a dar seus sinais quando a bebê começa a chorar e demonstrar irritação.

Com o passar do filme vão aparecendo outras emoções como o Medo, responsável por “proteger” a Riley a Raiva que sempre coloca ela no limite de tudo e a Nojinho que é responsável por não deixar a menina se envenenar. Todos ficam presentes em uma sala de controle que é de onde acontecem todas as reações da Riley, todas as memórias são armazenadas em globos que são suas memórias. As memórias são armazenadas e aquelas que são mais importantes se tornam memórias bases, responsáveis por desenvolver suas ilhas de personalidades que no filme são representados pela Ilha da bobeira, Ilha do Hóquei, Ilha da Amizade, Ilha da Família e Ilha da Honestidade.

Também é apresentado de forma bem criativa e original no filme outras sessões da mente de Riley, como a Terra da imaginação, Memória de longo prazo e o fosso das memórias

esquecidas. Aparecem também alguns trabalhadores que são os responsáveis por rastrear as memórias e manda-las para o fosso das memórias esquecidas.

Todos eles acreditam que nada de mal poderia acontecer com a menina, pois o que de errado por acontecer com a menina. Mas antes mesmo de acreditarem nisso acontece uma cena mostrando uma placa de venda da casa, a família mudando de cidade e amigos e principalmente seu esporte favorito o Hóquei sobre o gelo. Logo as emoções já começam a desempenhar todas as suas funcionalidades, o Medo começa a falar tudo de errado que irá acontecer com a Riley, já para a Alegria tudo é uma aventura para uma vida nova, a Nojinho diz que tudo vai dar errado, a Raiva já fala que isso é absurdo.

Ao chegar a São Francisco (Estados Unidos) todos eles se sentem muito mal com a casa nova e já começam a pensar que será horrível morar ali, mas a alegria logo coloca o bom humor e começa a mostrar o que pode acontecer de bom, mesmo com tudo dando errado como o caminho da mudança não chegando e se perdendo no caminho.

No meio de toda essa mudança por curiosidade a Tristeza toca em uma das memórias bases e a Alegria tenta tirar ela de lá, mas as duas são mandadas para onde ficam todas as memórias de Riley e é então que começa toda a aventura do filme de conhecimento sobre as emoções e de como uma pessoa pode ficar quando perde emoções importantes como a Alegria e a Tristeza. Na tentativa de voltar para a sala de comando as duas passam por vários lugares da mente da menina, passam pela Ilha da imaginação, a produção de sonhos. Enquanto isso Riley é dominada pelos outros sentimentos que ficaram na sala de comando perdendo assim uma parte de sua personalidade e tendo suas ilhas destruídas. E em um desses momentos que a Alegria continua a querer mostrar que a tristeza só atrapalha, mas em um determinado momento ela percebe a Tristeza conversando com o amigo imaginário da Riley e vê que em alguns momentos é preciso dar lugar a tristeza e deixa-la em paz.

Logo depois disso as duas juntas conseguem ter a ideia de como voltar para a sala de comando e utilizam todos os meios disponíveis como uma nuvem do castelo de nuvens, uma bexiga e partes da Ilha da família para pular para a sala de comando. Ao chegar lá as duas conseguem fazer com que a Riley que havia fugido para Minnesota por não gostar de São Francisco, ao voltar para casa Riley pede desculpa para os pais e conta tudo o que está sentindo e fala que não se sente bem morando ali, é neste momento que começa a união das emoções no caso a Alegria e a Tristeza e surgiu um novo tipo de personalidade da menina e ativando

novamente a Ilha da família. Também é quando um novo controle é instalado na sala de comando podendo fazer com que as emoções possam viver todos os momentos juntas

RELACIONANDO TEORIA E FICÇÃO

Algo bem interessante presente ao longo do filme *DivertidaMente* são os momentos em que Riley sofre algum tipo de dominação, tanto de seus pais como de suas emoções. Logo no início do filme é possível perceber que a Alegria gosta de sempre estar à frente de todos os momentos da menina querendo assim que ela se sinta feliz sempre.

Ao longo do filme acontecem algumas situações como a mudança de cidade, fazendo com que a menina tenha que deixar sua casa, seus amigos e o principal para ela, seu esporte favorito o Hóquei. É a partir de então que ela sofre um tipo constante de violência simbólica. Violência essa que não se trata de algo físico, mas sim emocional. Como poder ser afirmado por Bicalho e De Paula (*apud Rosa 2007, p.40*):

A violência simbólica representa uma forma de violência invisível que se impõe numa relação do tipo subjugação-submissão, cujo reconhecimento e a cumplicidade fazem dela uma violência silenciosa que se manifesta sutilmente nas relações sociais e resulta de uma dominação cuja inscrição é produzida num estado tóxico das coisas, em que a realidade e algumas de suas nuances são vividas como naturais e evidentes. Por depender da cumplicidade de quem a sofre, sugere-se que o dominado conspira e confere uma traição a si mesmo.

A família de Riley é a principal responsável por reproduzir a ordem social fundando de forma duradoura os sentimentos e a sua integração e persistência da realidade em que ela está inserida. Podendo assim ser destacado outro fator importante sobre a personagem principal, os pais são os primeiros a desenvolverem a linha de afetos da criança e também são os responsáveis pela primeira socialização dela. Como afirma Bowlby (1990) à maioria das crianças tem um modelo a ser seguido, podendo ser a mãe ou seu cuidador, um automodelo ou um modelo de relacionamento, estes acabam por formar e explicar as experiências e que afetam a memória e a atenção da criança. Sendo demonstrado assim a formação das ilhas de sua personalidade presentes no filme e que a fazem ser o que ela realmente é.

Um fator que pode ser destacado também é o motivo pelo qual a família de Riley se muda de cidade. Tal motivo acontece pelo emprego de seu pai, passando a ser outro agravante, pois ele começa a ser o dominado pelo poder simbólico da sociedade, sendo explicado por

Bourdieu e Passaron (1970) que “em uma sociedade determinada, a cultura legítima, isto é, uma cultura dominante, não é outra coisa que o arbitrário cultural dominante”. Sendo assim uma consequência de uma sociedade capitalista que domina as classes mais baixas fazendo-as mudarem de lugar para que possam se adaptar ao seu estilo de vida e organização social.

Dessa forma a violência simbólica causada de forma inconsciente no pai não afeta somente a ele, mas a toda a sua família. Podendo ser relacionado assim com a teoria de afetos e paixões de Spinoza que afirma que somos resultado dos encontros que temos ao longo de nossa vida e que não conseguimos separá-los de forma racional.

Outro acontecimento importante no filme é o momento em quem Riley chega a nova escola e que ao demonstrar perante a sala como pode ser aceita pelo novos colegas acaba se perdendo e sentindo triste e estando em um processo de violência inconsciente sendo dominada pelo medo, repulsa e a raiva ela não tem muito o que fazer tal momento pode ser esclarecido por Bourdieu e Passaron (1970) como um resultado de um processo pedagógico que tende a produzir o reconhecimento da legitimidade da cultura dominante, impondo-lhes o reconhecimento à ilegitimidade de seu arbitrário cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tinha como objetivo principal abordar como a ficção pode retratar de forma bem humorada algo presente na realidade. E para tal análise foram utilizados filósofos que apresentassem teorias sobre dominantes e dominados, violência simbólica e as emoções, assuntos esses bem presentes ao longo do filme *DivertidaMente*.

O principal filósofo apresentado foi Pierre Bourdieu que afirma que todo e qualquer manifestação que fuja do padrão é um tipo de violência simbólica, causada por um uso desigual do poder das pessoas, causando assim uma dominação maior. Tal Dominação não é sentida por aqueles que fazem parte de forma direta do processo de dominantes e dominados, mas que pode prejudicar o ciclo de relacionamentos dos envolvidos.

Tal prejuízo pode ser percebido ao longo do filme quando a família de Riley se muda, pois, o pai precisa estar mais próximo de alguns afazeres de seu trabalho, prejudicando assim a rotina familiar. Assim sendo, as emoções podem ser consideradas reflexos de alguma dominação ou violência simbólica sofrida por alguém e que de forma inconsciente agem fora de sua normalidade prejudicando assim o convívio com as pessoas ao seu redor.

Alguns assuntos não puderam ser aprofundando, ficando assim como sugestão para possíveis pesquisas futuras que possam associar de forma mais específica a violência simbólica e suas dominações na ficção.

REFERÊNCIAS

AUMONT, J. (Org). **A Estética do filme**. 9 ed. Campinas: Papirus, 2012.

BICALHO, R.A; DE PAULA, A. P.P; **Violência Simbólica: uma leitura a partir da teoria crítica Frankfurtiana**. In: II Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho. 2009, 2009, Curitiba. **Anais de congresso**. Curitiba: Em GPRS, 2009. p. 1-6. Disponível em: <<http://bit.ly/1SihRdm>> acesso em: 16 de nov. 2015.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Lisboa: 1970.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Razões prática: sobre a teoria da ação**. 4 ed. Campinas: Papirus, 1996.

CATARREIRA, C.R.S.S. **As emoções das crianças em contexto de educação pré-escolar**. Porto Alegre. 2015, 168f. Dissertação (mestrado em educação). Instituto Politécnico de Porto Alegre, Escola Superior de Educação. 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/25tjj6z>> Acesso: 09 de nov. 2015.

DÁMASIO, A. **O sentimento de si: O corpo, a emoção e neurobiologia da consciência**. Mem Martins. Publicações Europa-América.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. Lisboa: Temas e Debates, 2012.

MICELI, S. Introdução: A Força do Sentido. In: BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 7 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

WEBER, M. **Economia e sociedade**. 4 ed. São Paulo: UnB, 2004. v. 1.